



N.º 2

**NOVELA VERMELHA**

2.ª Série

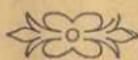
---

---

Nogueira de Brito

.....

**Não! diz a lei**



LISBOA—JULHO DE 1922

**Secção Editorial de A BATALHA**







# **NÃO! DIZ A LEI**

POR

**Nogueira de Brito**

A Novela Vermelha n.º 2 (2.ª Série)

**Shi**

NÃO! DIZ A LEI

Nogueira de Brito

A. Novela Vermelha, n.º 2 (1925)



# Não! diz a lei

Há muitos meses já, se trabalhava afanosamente, na casa mediocrementemente burguesa, do remediado industrial João de Lima.

Estava para muito breve o casamento de sua única filha, Odete, belesa rara de mulher a quem um passadio cuidado, podia conservar a tez fresca e as carnes velutíneas. Os pais tinham-lhe proporcionado uma educação tanto quanto possível aprimorada. Essa boa intenção paterna tinha diminuído um pouco os haveres do casal, que, no dizer da vizinhança arguta, mais avantajados seriam, se não fôra a vaidade de fazerem da filha «menina fina».

No entanto, êsse leve verniz literário que se adquire, com as chamadas habilitações oficiais, não foi o suficiente para fazer da graciosa Odete, uma criatura verdadeiramente ilustrada. Essa rapariga olheiranta de dezanove anos, compreendeu demasiado, que do esforço próprio depende principalmente o desbravamento das restingas da nossa incultura. Disso compenetrada, e tendo à sua disposição uma clara inteligência, Odete pôs-se a ler, a ler muito, procurando sempre, comtudo, com uma acrimonia pouco vulgar, relacionar-se de preferência com os *bons autores*. Uma dúvida tremenda, lhe assaltava o espírito discriminador, e que consistia em poder chegar a uma conclusão solenemente iniludível, sobre quais seriam os escritores, em quem assentaria de facto essa designação lapidar—de bons autores.

Em volta de si olhava, buscando quem lhe esfarrapasse êsse densíssimo veu com que a dúvida havia envolvido o seu raciocínio.

A roda escassa dos frequentadores da vivenda confortável em que a sua mocidade florida, ia decorrendo, não era de estôfo a poder iluminar com um bom ensi-

namento a hesitação natural de quem ensaia os primeiros passos, tanto no caminhar da existência material, como no tatear da vida espiritual, a que ela ambicionava dignificar com a assimilação de conhecimentos são!

Estudando bem o carácter das pessoas com quem convivia, ouvindo aqui e ali, o que se dizia em vários assuntos, socorrendo-se finalmente do que a intuição do seu discernimento lhe sugeria, lá foi conseguindo, uma noção ainda que imperfeita do que lhe seria conveniente ler que à sua inteligência e ao seu coração pudesse frutificadamente aproveitar. E, como era uma alma cheia de pureza, não demorou em concluir que nem tudo o que o convencionalismo social, chamava *boas obras*, merecia essa classificação. De dedução em dedução, não lhe foi pois muito difícil apurar que não são só bons autores, os que escrevem numa linguagem de encanto, mais para prender a sensibilidade à banalidade dum deleite, do que para trazer à tela da critica a discussão duma tese do alto significado humano. Bons autores são os que pintam a sincera eclosão da natureza em tôdas as suas fases de inexcedível realismo, mas bons autores são também os que fazem da sua pena uma afiada lanceta com que retalha os erros das sociedades em que só o egoismo prepondera e a mentira domina. Odete, já na plena posse de um raciocínio seguro, divagava às vezes com as suas amigas àcerca das injustiças sociais, sendo escusado dizer que o seu ponto de vista estava sempre em aberta opposição com tudo o que era defendido pelas pessoas que aos serões iam ajudar na sua casa a beber o chá quente, que nas noites de inverno, é de uso oferecer-se aos *friorentos*, que saem das suas moradias para se associarem às palestras que nos ménages dos outros a frivolidade alimenta, de braço dado com o Cupido travesso que nenhuma ocasião perde para aproximar os amorosos! -

Sucediam-se as discussões que às vezes roçavam pelo azedume. Os pais de Odete, enfermavam daquele contagioso mal, *que a persuasão de que se é mais do que os outros*, consegue inocular no cérebro de quem avalia a moral pelo maior ou menor número de notas do Banco que lhe recheiam a carteira obesa.

Frequentavam assiduamente, a casa do pequeno industrial João de Lima, creaturas dos mais variados matizes sociais, e qua a hierarquia mundana agrupa na categoria de : *classes médias*. Assim nas cadeiras austriacas da pequenina saleta, recostavam-se, o funcionário públi-

co, o comerciante de viveres, que pouco mais conhece do mundo do que o espaço que fica para dentro e para fóra do balcão (é claro dentro da loja) o militar que depois de trinta anos de exercicios nas fileiras conseguiu chegar a alferes, por serviços às instituições, o tabelião que discute direito civil, aprendido nas folhas dos processos de despejo de prédios urbanos, e até, o bem falante eclesiástico que depois de comer algumas dúzias de missas pelas almas, adериu à República, por que... foi sempre republicano...

Entre aquele vasculhar surdido de opiniões, *sem tom nem som*, difficil era vislumbrar uma afirmação sensata, que racionalisasse o destrambelho clássico, daqueles polemistas de fraco senso e de não menos exigua illustração.

Odete, emergia, como uma flor de candidez, do anormal pensar de tôdas essas almas, apegadas a um ignaro conservantismo, que era ainda mais a consequência da sua subalterna condição social, do que o produto de certo estado de alma, ou de determinado locubração espirital.



Estamos a dois meses do casamento de Odete. Mais uma pessoa toma agora parte nas conversas dos serões do industrial João de Lima. E' o noivo de sua filha Luís de Mendonça, moço desregrado, de vida fácil, para quem não há difficuldades na prática de um desejo, mal êle aflora na sua imaginação ardente. Tudo, para êle, na vida, constituia uma aventura agradável, desde que dela resultasse alguma vantagem! Mais uma vez o seu feitiço hábil e insinuante o puzera à prova neste negócio do casamento com Odete, cuja afeição por êle não passaria de um leve flirt se a pertinácia paterna, cega pelos seus ademanos calculados, não fôsse tal que, descuroando todo o sentimento de amorosidade que entre os dois pudesse existir, e vendo somente no moço uma figura de ornamento para a família, nada mais visasse do que arrancar da submissão filial, embora com uma certa difficuldade, o consentimento num enlace a que o futuro reservaria momentos de grave inquietação.

Luís de Mendonça dava aos serões uma nota de graça

frívola, que punha pouco à vontade os convivas do industrial, habituados aos lugares comuns que aos diários iam buscar, à falta de génio criador. E, se as divergências no critério político, em que fatalmente se caía, se acentuavam no decorrer da palestra, um ponto porém havia, em que o acôrdo se estabelecia sem discrepância: *a noção falsa da moralidade humana*, espécie de clorofórmio moral, que sempre acudia a anestesiá os impetos mais libertinos.

Numa noite frígida de Fevereiro, enquanto a chuva fustigava as vidraças, num recanto da salinha de costura, a discussão animava-se entre quatro contendores, que eram Odete, o noivo, o tabelião Pedro Barreiros e um personagem que era a segunda ou terceira vez que pisava o *parquet* da casa do modesto industrial. Renato de Salazar se chamava o jovem escritor, que nessa noite defendia o problema da vida, entregue às naturais expansões da natureza, sem os obstáculos que os códigos inventaram para a manutenção duma sociedade defeituosa a cujas iniquidades todos se sujeitavam de bom grado.

— O que não se compreende, é que os homens sejam pacientemente as vítimas das suas próprias leis — disse, num tom de firme convicção, Renato de Salazar. — Tudo, os homens teem pretendido regulamentar, contra as tendências do seu organismo e em contrário dos vãos da sua inteligência. E se alguém há, no meio desta podridão moral, que quere reagir, escarnecendo da irracionalidade das leis é atirado às feras, como o maior dos criminosos. E por quem? Precisamente pelos que, como êle, sofrem as inclemências e as injustiças dessas regulamentações que teem tanto de absurdas e inconsistentes, como de nefastas...

Odete dava aos seus olhares límpidos uma mágica mobilidade, e tão depressa os cravava no rosto devasso do noivo, como os demorava na fisionomia honesta do jornalista.

Na roda dos circunstantes, evidentemente contrariados com a arrojada afirmação que escutavam, fez-se o silêncio preconizador da discordância que nêles ía. Renato de Salazar percebeu-o bem. Desviando de todos o olhar e fixando o, de uma maneira significativa, no rosto inteligente de Odete, disse-lhe, como a querer reatar ideas, ao mesmo tempo que cortava o assunto:

— Então, minha senhora, acabou já a leitura do seu Mirbeau?

Odete, quasi entre dentes, respondeu-lhe:

— E o senhor, já deu por comentado o terceiro volume das obras de Bakounine?

Luís de Mendonça, se ouviu estas frases fugidias trocadas entre a sua *prometida*, e o jornalista, bem fingiu não as perceber, a tanto ia a tenção formada de casar com Odete, para lhe arrancar o dote...

Um frio intensíssimo, apesar do ambiente confortável, da pequena saleta, penetrava em toda a parte, enregelando tudo.

Ia servir-se o chá.



Já casados, Odete e Luís de Mendonça viviam uma verdadeira vida de tortura, que logo se iniciou poucos dias depois da aliança official dos dois seres, e em que opposição de temperamentos e de principios, nem sequer conseguiu, que continuasse a manter-se a aliança corpórea. Mas, ao perfido Luís de Mendonça de forma alguma convinha o rompimento, porque os meios de fortuna não eram para desprezar. A tudo estava disposto, contanto que não perdesse a situação financeira que o seu arдил havia grangeado, ainda mesmo que a sua reputação de homem da sociedade perigasse. Entre os dois esposos deixou, um mês decorrido sobre o matrimonio, de haver toda a espécie de contacto. Isto deu em resultado o que naturalmente havia de dar-se. A lei da natureza galgou por cima de todos os preconceitos que o mundo burguês dá como bons, e não tardou muito que o nascimento de um filho viesse confortar a existência da desventurada Odete, que afinal se havia libertado, no dia em que a sua alma e o seu corpo se haviam fundido com a alma e o corpo de Renato de Salazar, cuja intelligência e cujo sentir, tanto se irmanavam com a sua!

O dois encontravam-se à vontade na residência que estava no nome de Luis de Mendonça.

E, ninguém se atrevia a censurar o proceder de Odete, porque o marido não demorou em apparecer aos olhos dos que o conheciam, como o verdadeiro tipo do farçante sem escrúpulos.

A comunhão de ideas que nos cérebros de Odete e Re-

nato de Salazar germinava, tomava dia a dia maior incremento. As suas tendências, os seus pontos de vista, coincidiam numa galopada de bom senso e de fina prescrutação! E, agora que o lar era verdadeiramente aquele, e não o que os formalismos oficiais queriam que fôsse, uma aspiração máxima dominava o espírito de Renato de Salazar: *poder chamar filho* àquele pedaço da sua alma, para que êle no prolongamento do seu nome pudesse, de futuro, continuar a obra encetada, de libertação humana, em que novos horisontes surgiriam sem a neblina espessa da rotina e do êro.

Ele sabia bem que o reconhecimento de seu filho, era uma das muitas formalidades filhas duma sociedade em que os homens fabricam leis, mais para conter os ímpetos naturais do seu semelhante, do que para garantir o bem-estar e a felicidade de que tão pouco teem gosado as gerações de todos os tempos e de todos os países. Se o fazia, era porque necessário se tornava garantir ao seu filho os meios indispensáveis para o bom exercício dos seus direitos civis. Pouco versado em questões jurídicas, cuja insubsistência, quando não nocividade, tanto lhe repugnava aceitar, tratou de consultar quem, pelo conhecimento da matéria, o poderia esclarecer, tanto no caminho a seguir, como nas regalias a reclamar, quando um dia seu filho, já em plena maioridade, as quizesse chamar a si.

Odete via no filho que lhe havia dado — o seu *companheiro* — como ela chamava a Renato de Salazar, o continuador da sua visão social, a que andava tão afeita, e cuja fé mais e mais se robustecera, desde que Renato melhor lhe abrisse os olhos, no conhecimento das torpesas sociais e da injustiça dos privilégios.

A sua educação, completára-a com os sãos ensinamentos de que o jornalista a cercava de momento a momento.

Já não havia o perigo da admoestação de seus pais, que dela se haviam afastado bruscamente no dia em que souberam dos seus amores *incestuosos*, e que não tiveram dúvida em atribuir a uma leviandade criminosa que nada podia perdoar, e nunca à incompatibilidade que derivava em linha réta dos desvaios de seu marido, a quem só seduzia a vida barata do bordel, fugindo da sua casa constantemente, mas não *absolutamente*, porque lhe convinha extremamente ter o seu *lugar marcado* na recolha dos benefícios monetários, que o casamento lhe tinha assegurado! Que importava a Luís de Mendonça que a

criança recentemente nascida não fôsse seu filho, se êle continuava indubitavelmente e para efeitos legais a ser o marido de Odete de Lima, filha do industrial que no amalhar dos seus lucros conseguira que uma boa parcela de felicidade lhe viesse a pertencer por ter tido a feliz idea de lhe conquistar a filha?

E, Odete, mais à vontade, ou antes, bem à vontade, liberta dêsse *arremêdo* de homem, distraía os seus cuidados na dôce tarefa de arranjar a sua casa. Quando o tempo lhe dava para isso, lia os *bons autores*, pois já a sua intuição lhe demarcára bem o designativo, e dos bons autores lia as boas obras, porque nem sempre os livros que êles produzem merecem que se lhes chame bons.

Nas prateleiras duma estante pequena, de bom carvalho, madeira sã e resistente como o amor que votava a Renato de Salazar, alinhavam-se volumes de Zola, Ibsen, Nordau, Bakounine, Gorki e Mirbeau.



Renato de Salazar, depois de escrever alguns estudos críticos para o seu jornal *O Latego*, resolveu avistar-se com um seu amigo dilecto, que desde os primeiros alvôres da infância o acompanhava. Testemunha dos seus affectos, confidente dos seus segredos, tinha-se instalado com banca de advogado numa das ruas principais da cidade baixa.

Como era natural o advogado não ignorava o que se passava entre Odete e Renato de Salazar. Ficou por isso, sobremaneira surprehendido, quando a uma hora, ainda matinal, viu assomar à porta do seu escritório Renato, que não tardou em pô-lo ao facto do assunto que aí o levava.

—Quero que me digas, o que preciso fazer para reconhecimento de um filho, cujo registo de nascimento, em meu nome, desejo fazer, dentro do mês em que estamos.

O advogado, assaltado por uma terrível estupefação, ficou positivamente, sem saber a resposta que havia de dar. . .

E, abruptamente, desviando o rumo à conversa, perguntou:

—E o que diz o marido de Odete?

—Creio que nada diz — respondeu secamente Renato de Salazar.

E continuou :

—Nada diz, porque nada lhe convém dizer... Convém-lhe maravilhosamente a situação que criou.

—Não pensa então ao menos, em separar-se da mulher? — atalhou o advogado.

—Já te disse que a situação que lhe convém é precisamente a que actualmente disfruta, respondeu mais uma vez Renato.

Mas a pergunta do amigo, preocupara-o fortemente, e mais ainda quando êle insistiu :

—E o marido nunca mais a visitou?

—Visita-a por cerimónia e... táctica, algumas vezes... Mas, a que propósito fazes tu tantas perguntas, tratando-se demais dum facto de extrema simplicidade?

—Parece-te — disse o advogado, invadido duma má-gua enorme.

Renato fitava-o como que a querer adivinhar nas suas palavras a tragédia que se ia desenrolar...

O advogado, levantou-se febril, abriu a estante; onde guardava os tratados mais necessários á consulta da sua profissão, e tirou duma prateleira um exemplar do código civil, ricamente encadernado a percalina vermelha. Abriu-o com as mãos tremúlas, e depois de o folhear dolorosamente, pô-lo diante dos olhos do seu amigo e disse-lhe :

— Lê!

Renato de Salazar, passados alguns segundos, caia desamparado no solo, depois de ter devorado estas palavras tremendas :

*Artigo 2468: Sendo o filho nascido na constância do matrimónio, não pode ser admitido no registo civil declaração em contrário, ainda que a mãe diga, que o filho não é de seu marido, ou êste afirma que o filho não é seu, salvo havendo separação que date, pelo menos de trezentos dias antes do nascimento.*

O advogado conseguiu a muito custo reanimar com um frasco de saes, o seu pobre amigo, que ainda de voz titubeante, mas mais tranquilo pôde exclamar :

—Eu sou o pai, mas a lei diz que não!

E, escondendo o rosto entre as mãos, chorou convulsivamente.

2.ª série

# A Novela Vermelha

RODER REBENTOR

Walter J. Reber

Colaboração:

Walter J. Reber, Adalberto R. de  
Alencar, Roberto de Brito, Paulo  
M. de G. e Paulo G. de Q. e  
Roberto de Brito, Adalberto R.  
de Alencar, Roberto de Brito, Paulo  
M. de G. e Paulo G. de Q. e  
Roberto de Brito, Adalberto R.  
de Alencar, Roberto de Brito, Paulo  
M. de G. e Paulo G. de Q. e

Preço, \$25 civa.

Publicado 5.ª edição (1911)

5.ª BATALHA

5.ª edição (1911)

2.<sup>a</sup> Série

# A Novela Vermelha

N.º 1 —

**PODER REDENTOR**

POR

**MANUEL RIBEIRO**

**Colaboradores:**

Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Bento Faria, Mário Domingues, Pinto Quartim, Sobral de Campos, Cristiano Lima, Perfeito de Carvalho, Augusto Machado, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia.

**Preço, \$25 ctvs.**

• *Pedidos à Secção Editorial*  
**d'A BATALHA**

Calçada do Combro 38-A. 2.º



A Novel's Verdict

THE

VERDICT

ON

THE

NOVEL



# A NOVELA VERMELHA

Primeira serie:

- N.º 1 **A Expição** *por Manuel Ribeiro.*  
N.º 2 **Sangue Fidalgo** *por Nogueira de Brito.*  
N.º 3 **Hugo, o pintor** *por Mário Domingues.*  
N.º 4 **Dois Tiros** *por Sobral de Campos.*  
N.º 5 **Impossivel redenção** *por A. Machado.*  
N.º 6 **A Escola Nun'Alvares** *por Cristiano Lima*  
N.º 7 **Anastácio José** *por Mário Domingues.*  
N.º 8 **A Sciência redentora** *por José Benedy.*  
N.º 9 **O mestre geral** *por Jesus Peixoto.*  
N.º 10 **Dor vitoriosa** *por Julião Quintinha.*

**Colaboradores:** Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Julião Quintinha, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

**PREÇO: \$25 CENTAVOS**

**Série de 10 números: 2\$50**

Shi